Ave, Cora Coralina[1]

Olga de Sá

Doutora em Comunicação e Semiótica e Mestre em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadora de Pesquisa e Orientadora no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Diretora Geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila.

http://1.bp.blogspot.com/_0wQFJ5x[illegible]mWJSTqI/AAAAAAAAAI0/-MGydIEtGt0/s1600/cora-coralina-mosaico.jpg

Meu desejo primeiro era focalizar a metafísica do cotidiano, na poesia de Cora. Mas, Saturnino Pesquero Ramon, na edição de 1985, numa das introduções de **Vintém de cobre**, já escreveu sobre "Cora Coralina: a meta-física do compromisso com o cotidiano".

Embora nunca nos expressemos do mesmo jeito e, como disse Ezra Pound, tudo é de todos, não quero "chover no molhado".

Epifania é um conceito fluido e até complexo, mas podemos delimitá-lo à manifestação de um momento de beleza, em torno de um objeto, que se nos apresenta, de modo singular. Daí se falar em revelação, que pode transformar a vida do sujeito, que por ela passa. O conceito vem da religião, em que se narram *epifanias* de Deus, chamadas mais adequadamente, *teofanias*, isto é, manifestações de Deus aos homens. No Antigo Testamento, narram-se o episódio da sarça ardente, da fala de Deus no Monte Sinai, da passagem do Mar Vermelho e muitas outras. No Novo Testamento, a aparição do anjo na Anunciação (angelofania), a manifestação do Menino às nações, simbolizada na visita dos Magos à gruta de Belém (daí a festa cristã da Epifania), a revelação de Cristo no Monte Tabor etc.

James Joyce extraiu esse conceito da Bíblia e transformou-o em técnica literária, criando suas epifanias reveladoras, como no caso de Stephen Hero em **O retrato do artista quando jovem**, que descobre sua exuberante puberdade, ao ver a menina-pássaro em pé, nas águas do mar. Ao rejeitar a epifania como r*evelação ou conceito religioso*, passou à construção da epifania na montagem do texto, como são exemplos magníficos **Ulisses** e **Finnegans Wake**.

Procurei demonstrar, nos meus ensaios sobre Clarice Lispector, como a escritora, sem usar a teoria, cria em seus textos, epifanias do belo e do feio.

Para lembrar algumas: Joana no banho, descobrindo sua inauguração como mulher; Joana horrorizando-se e ao mesmo tempo, maravilhando-se com a voracidade do homem, que no restaurante, devorava prazerosamente uma carne sangrando; a incrível ideia das origens, provocada pela existência do ovo sobre a mesa da cozinha.

Não pretendo fazer comparações, mas, sob esse ponto de vista, da *revelação* do cotidiano da mulher, Cora Coralina pertence à mesma estirpe de Clarice e Adélia Prado.

Cada poeta ou escritor exige um perfil de leitor e Umberto Eco chega a afirmar, em **Lector in fabula**, que o escritor cria estratégias no texto, para encontrar seu leitor preferido.

Ítalo Calvino em **Se um viajante numa noite de inverno**, em que o leitor é o protagonista, deseja que o momento da leitura coincida com o momento da escritura. Por isso constrói, palavra por palavra, seu texto, de modo que a leitura do livro seja identificada com a libido do casal, na cama.

Clarice também expressa o desejo de que o leitor de **A paixão segundo GH** seja um leitor de *alma já formada*.

Não sei qual o leitor preferido pelo texto de Cora Coralina. Talvez aquele que tenha alguma vivência da vida na roça, saiba o que é a pobreza e a limitação do cotidiano da mulher marginalizada, num contexto machista e autoritário, conheça o vocabulário desse cotidiano. Na falta dessas experiências, saiba usar da imaginação e situar-se nessa realidade, identificando-se, quanto possível com as vivências narradas nas obras de Cora Coralina.

Quanto a mim, leitora de Cora, não tenho todas essas marcas; tenho algumas que muito me ajudaram na leitura de sua obra: **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais e Vintém de cobre – meias confissões de Aninha**.

A metáfora talvez seja a figura literária mais frequente nessas duas obras de Cora Coralina.

Cigarra cantadeira e formiga diligente, Cora fez doces para vender e ganhar a vida, durante quatorze anos seguidos.

Nasceu antes do tempo, e ela diz que tudo quanto criou e defendeu nunca deu certo, nem foi aceito.

Deu sim, Cora. Você conseguiu, contra sua própria condição de vida, unir as duas pontas do tempo, duas dimensões quase irreconciliáveis: roceira e doutora, reconhecida pela sua sabedoria, pela Universidade Federal de Goiás.

É tão fácil escrever sobre a poesia de Cora Coralina, citando suas histórias, interessantes por si mesmas e que prendem, irresistivelmente, o leitor sempre amante de ou-

http://www.baixaki.com.pr/imagens/wpapers/BXK1147_museu_cora_coraolina-1-800.jpg

vir ou ler narrativas. Mas, a Academia e a Crítica Literária exigem que se vá mais fundo e se prove seu valor poético.

Como já escrevi, Cora quase não se vale de comparações. *Não diz Eu sou* ***como*** *aquele teu velho muro*, mas *Eu sou aquele teu velho muro*. Não diz: *Eu sou* ***como*** *a dureza desses morros*, mas *Eu sou a dureza desses morros*.

Em Todas as vidas, resume, magistralmente, sua própria identidade, sem usar um subjuntivo de puro desejo, que destruiria o tom poético: ***Gostaria que eu fosse como uma cabocla velha***. Escreve:

> Vive dentro de mim
> uma cabocla velha
> de mau olhado,
> acocorada ao pé do borralho,
> olhando pra o fogo.
> Benze quebranto.
> Bota feitiço..."
>
> E mais:
>
> Vive dentro de mim
> a lavadeira do Rio Vermelho. (PBG, 1977, p.19-20)

Vive ainda dentro dela a mulher cozinheira, a mulher roceira, a mulher da vida.

Muitos termos dos poemas de Cora coralina, além de sua significação concreta, direta, e cotidiana, são ícones geniais, de toda uma realidade histórica, vivenciada por ela, mas também por sua terra, seu povo pobre, sua casa. Exemplo claro:

> Vintém de cobre:
> dinheiro antigo.
> Moeda escura,
> recolhida, desusada.
> Feia, triste, pesada.
> .....
> Vintém de cobre:
> ainda o vejo
> ainda o sinto
> ainda o tenho
> na mão fechada.
> Moeda triste,
> escura, pesada,
> da minha infância,
> da casa pobre. (PBG, 1977, p. 27,30)

O *mandrião* também é uma imagem expressiva, um ícone de alguma felicidade da infância machucada dessa poeta de Goiás.

> Eu tinha um mandrião...
> Eu vestia um antigo mandrião
> recortado e costurado para mim
> de uma saia velha
> da minha bisavó.
>
> Eu brincava, rodava, virava roda,
> e o antigo mandrião se enchia
> de vento balão.(VC, 1985, p. 41)

"A Estória do aparelho azul-pombinho", em **Poemas dos becos de Goiás** e de "O prato azul-pombinho", última relíquia do aparelho de louça da China, de 92 peças, são comentadas por quase todos os críticos.

As 92 peças, ao longo do tempo, foram desaparecendo, quebradas, roubadas, sumidas e só restou uma, defendida pela bisavó; até que um dia, também ela apareceu quebrada. De quem a culpa? De Aninha (Cora) é claro, cujo passado tinha arquivada uma sequência de quebradeiras: três pratos, uma compoteira de estimação, uma tigela, vários pires e a tampa de uma terrina. O castigo era carregar, indefinidamente, preso ao pescoço, um caco do prato quebrado, em lugar da surra de chineladas.

Esse episódio se entronca num outro, o da menina Jesuína, que também levou o mesmo castigo e morreu, pois "durante a noite, no sono, uma aresta mais viva de um dos cacos serrilhados tinha cortado uma veiazinha do seu pescoço, e esvaído seu pouco sangue e ela estava enrodilhada, imobilizada para sempre". (PBG, 1977, p. 53)

Tudo, marca do passado, da infância de Aninha, molhada pelo Rio Vermelho, que também ele cumpria sua dura sina. Coberto, aqui e ali por várias pontes, esse Rio é símbolo inegável de Aninha, seu rio, de quem ela pede a *bença*.

Aliás, becos e pontes, além de concretos e verdadeiros, são também metonímias de uma realidade maior, de uma terra marcada pela miséria e pela dor de existir.

Os becos fecham e arrepiam; as pontes unem e ultrapassam.

Poeticamente, descritos por Cora Coralina e semeados de seus casos, a paisagem goiana se mistura com a vida, pontua nossas inquietações e se torna *epifania* do transcendente, pois já não cabe nas estreitezas do cotidiano. O passado, melancólico e quase enigmático, se transfigura em *princípio do mundo*, sublinhando a *contagem das eras*.

Mais não se pode pedir de um poeta, mais não pode a crítica assinalar.

Ave, Cora Coralina!

Saúdo-a como, no passado, se saudavam os imperadores e se anunciavam grandes mensagens: Ave! Se a História da Humanidade não se acabar, você será sempre lembrada por sua graça e beleza, pela singela ternura de seus poemas e *Estórias mais*. Ave!

NOTAS

1 Este artigo já foi publicado, em 2009, em **Moinho do tempo** – estudos sobre Cora Coralina, comemorando os 120 anos do seu nascimento e os 20 anos de criação do Museu de Cora Coralina, na cidade de Goiás.

REFERÊNCIAS

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. Goiânia: Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1977.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 3ª ed. Goiânia: Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1985.